



OLDSTONE-MOORE, Jennifer. *Conhecendo o taoísmo: origem, crenças, práticas, textos sagrados, lugares sagrados*. Tradução de Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. ISBN: 978-85-326-4014-7, 104 p.

Matheus Oliva Costa*

É sintomático no Brasil – e outros países – algumas tradições religiosas serem abordadas quase sempre em termos gerais, sobretudo em coleções ou livros sobre as ditas “religiões mundiais”. É interessante notar como o conhecimento produzido frequentemente de modo introdutório, resumido e panorâmico sobre essas tradições, revela algumas características ou condições para que isso ocorra. Entre outras questões, chamo a atenção para dois aspectos: primeiro, demonstra a afinidade e a preferência dos leitores brasileiros/as por alguns temas, e menos interesse por outros; segundo, revela a falta de aprofundamento no assunto, mostrando que houve poucos avanços e aberturas para a compreensão das tradições constantemente trabalhadas de modo introdutório. Este é o caso do Daoísmo no Brasil.

Nesta resenha, abordaremos um livro sobre a tradição daoísta que foi traduzido ao português em 2010 pela editora Vozes. *Conhecendo o taoísmo: origem, crenças, práticas, textos sagrados, lugares sagrados*, de Jennifer Oldstone-Moore, apresenta linguagem introdutória e estrutura resumida do Daoísmo. Primeiro fizemos uma caracterização da estrutura do livro, e, em seguida, abordamos o conteúdo do livro a partir de um olhar crítico.

Caracterização geral e estrutura do livro

Os tópicos de cada capítulo de *Conhecendo o taoísmo* foram escolhidos já na sua publicação original em inglês conforme o padrão de um livro – e depois coleção – sobre “religiões orientais” (eastern religions) da editora da Universidade de Oxford. Em todos os casos dessa coleção, as religiões foram abordadas nos seguintes tópicos: 1) Origens e desenvolvimento histórico; 2) Aspectos do divino; 3) Textos Sagrados; 4) Pessoas

* Mestrando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

sagradas; 5) Princípios éticos; 6) Espaço sagrado; 7) Tempo sagrado; 8) Morte e vida após a morte; 9) Sociedade e religião.

Oldstone-Moore é uma cientista da religião formada na Universidade de Chicago, a mesma universidade em que o famoso cientista da religião Mircea Eliade lecionava e tinha grande influência. Dessa forma, sua formação carrega dois aspectos. Por um lado, ela é conhecida por ser especialista em religiões chinesas, sobretudo expressões religiosas do Confucionismo, também abrangendo o Daoismo. Por outro lado, é visível a influência do paradigma fenomenológico de tom eliadiano na sua escrita, seja pelo uso repetido do termo “sagrado”, pela forte valorização dos símbolos e pela supervalorização dos textos como elemento que supostamente expressaria as religiões. Em *Conhecendo o taoísmo*, ela cita muito Taiwan, provavelmente pelo motivo biográfico de ter estado lá, onde estudou língua chinesa.

Outros aspectos estruturais do livro ainda podem ser notados. Talvez por sua influência de Taiwan, a autora preferiu não utilizar o padrão de transliteração da escrita chinesa de ideogramas chamado de pīnyīn, já que essa norma ainda não é aceita totalmente naquele país, ao contrário da China continental, que tem o padrão como oficial. Na transliteração pīnyīn, a palavra 道 é escrita como “dào”, enquanto na transliteração Wide-Giles, usada pela autora, o mesmo termo é transliterado como “tao”. Por isso, na obra, usa-se a tradução de 道教 (dàojiào, ensinamentos do Dào) como “taoísmo”. Nós, ao contrário da autora, vemos que a tradução “Daoismo”, baseada no padrão pīnyīn, é mais próxima do termo autóctone.

Essa escolha pode ser pessoal e política, contudo, academicamente, o pīnyīn tem se mostrado muito mais confiável no que concerne a uma padronização mais segura da linguagem chinesa, além de ser uma criação autóctone chinesa, e não uma norma estrangeira. Sabendo dessa problemática, a autora concedeu um glossário de transliterações, ajudando muito aos leitores/as. Elogiamos a sensibilidade da autora em usar o modelo de datação AEC, Antes da Era Comum, e EC, Era Comum. Com isso, evita-se um estudo de uma religião chinesa sobre a lógica de datação de outra religião, como seria o caso de quem usa o modelo de datação a.C. / d.C. (antes e depois de Cristo). Há, ainda, um índice onomástico, que facilita o retorno do leitor a tópicos do texto que podem ter “passado em branco” diante da riqueza de informações sobre o Daoismo que é apresentada.

A formação e afinidades acadêmicas da autora se refletem na bibliografia utilizada. Há, nesse sentido, forte tendência fenomenológica eliadiana e a valorização dos textos daoistas mais conhecidos fora da Ásia. Infelizmente, percebe-se certa desatualização teórica. Dos autores recentes que têm se destacado na pesquisa do Daoismo, são usados somente os de Livia Kohn e Isabelle Robinet, ficando de fora diversos autores importantes sobre o tema, como Bokenkamp, Miller, Pregadio, Roth ou Shipper. Por outro lado, é interessante notar que Oldstone-Moore buscou utilizar também textos e

autores “de dentro” da tradição daoista, como Eva Wong, talvez numa tentativa de dar voz aos “nativos”.

Conteúdo e críticas

Sendo, como já explicitado aqui, um livro introdutório, é preciso chamar atenção para alguns aspectos do seu conteúdo e forma de apresentação do Daoismo.

No final de cada capítulo foi citado um trecho de algum texto daoista, e, em seguida, associados comentários da autora. Conforme a crítica levantada por James Miller¹, a tentativa de compreender o Daoismo através de eixos explicativos clássicos nos estudos das religiões – que, na verdade, são eixos do Cristianismo – tende a não favorecer a compreensão do Daoismo. A nosso ver, infelizmente é o que ocorreu em *Conhecendo o taoísmo*. Os termos, em si, podem ser aproveitados, mas o grande problema está na ordem em que eles aparecem: falar separadamente das divindades (cf. cap. “Aspectos do divino”) e “pessoas sagradas” não é uma opção muito interessante para leitura dessa tradição, que, por sua vez, não distingue claramente as duas coisas. Assim, trazer à tona os tópicos do próprio Daoismo é uma opção indicada, ainda que não seja a única forma possível de compreender sistematicamente essa religião.

Um problema endêmico a todo o texto é o uso, ainda muito presente no Brasil, da separação entre um suposto Daoismo “filosófico” e outro Daoismo “religioso”. Tais noções são citadas diretamente na página 16 e no Capítulo 3 - “Textos Sagrados”. A própria bibliografia utilizada, sobretudo Robinet, critica essa separação artificial e pouco fundamentada entre uma suposta divisão de dois daoismos, embora Oldstone-Moore use essa distinção equivocada com naturalidade. Ela chega a apontar (p.12) para os preconceitos sofridos pelo Daoismo por visões confucianas e de missionários cristãos que separaram os textos antigos Daoistas das suas manifestações supostamente “supersticiosas”. No entanto, continua usando tal distinção para ler o Daoismo.

Um leitor atento vai perceber que o Daoismo tem elementos de pensamento elaborado (“filosofia”). Porém, já é bem sabido pela literatura especializada nessa tradição que o Daoismo deve ser visto como um conjunto que engloba vários aspectos – como pensamento, liturgia, magia de proteção, profilaxia e literatura – sem se limitar a uma caracterização monodimensional. Bem como, é preciso atentar para a formação histórica de comunidades que proclamavam seguir um *caminho* do Dào a partir do 2º século EC, no sentido de práticas e ensinamentos específicos. Tendo isso em vista, sugerimos abandonar a noção de Daoismo como somente dois ou três livros da antiguidade chinesa. Dessa forma, evita-se também erros pulsantes como a noção de daoista como aquele que rejeita o mundo e/ou sociedade (p. 11), quando, na verdade,

¹ MILLER, James. *Daoism: A Beginner's Guide*. Oxford: Oneworld, 2008.

existem variadas posturas daoistas diante da relação com a vida social.

Tendo essas ressalvas em consideração, muito ainda se pode aproveitar na leitura dessa obra. Através de descrições das várias expressões que essa religião apresentou historicamente, a autora tem o mérito de ter mostrado muito da riqueza e complexidade do Daoismo em um número também muito limitado de páginas. Ela apresentou as regiões e partes do corpo sacralizadas, as características dos principais grupos, detalhes da cosmovisão daoista, as práticas mais utilizadas e partes importantes da sua história. Assim, um leitor pode começar a se familiarizar com elementos básicos do Daoismo.

Há um insight que deve ser lembrado: abordando a difusão do Daoismo no dito “Ocidente”, ela chama atenção para o fato de que “as várias traduções do Tao Te Ching ajudaram a impulsionar a sua popularidade e contribuíram para o estabelecimento de algumas organizações e comunidades religiosas” Daoistas (p.13). Ou seja, antes mesmo de o Daoismo ter chegado presencialmente em países europeus e norte-americanos, já existiam obras consideradas daoistas que serviram como uma primeira forma de contato cultural. Da mesma forma, Oldstone-Moore observou o nascimento de uma “ecologia inspirada no” Daoismo (*idem*) e países não-asiáticos, nos sugerindo possibilidades interessantes de pesquisar essa tradição.

No livro também encontramos muitos exemplos de como o Daoismo influenciou a cultura chinesa, não somente religiosamente, mas também em outras dimensões. Por exemplo, é relatado como essa religião deixou legados na medicina chinesa, em práticas corporais como o Tàijíquán (Tai chi chuan), literatura, pintura ou criação da pólvora. Da mesma forma, mostra como a tendência sincrética chinesa tem consonância no Daoismo: os chamados “três ensinamentos”, Confucionismo, Budismo e Daoismo, somados à religião popular, estão presentes fortemente no Daoismo. Essa religião tenta se demarcar em relação às outras, mas historicamente sempre teve processos híbridos de formação. O livro de Oldstone-Moore mostra bem isso.

Recebido: 11/04/2015

Aprovado: 01/06/2015